



SACKS, Oliver. *Gratidão*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 58p.

## O último Shabat de Oliver Sacks

Breno Fonseca Rodrigues\*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil  
brenofnsc@gmail.com

“Agora estou face a face com a morte, mas isso não quer dizer que não quero mais nada com a vida”. Com essas palavras Oliver Sacks inaugura o seu livro *Gratidão*, que reúne quatro ensaios publicados esparsamente no renomado *The New York Times*, entre 2013 e 2015, após o difícil diagnóstico de que a forma rara de melanoma que acometera seu olho apresentava metástase no fígado. A proposição que serve de epígrafe para o livro assinala a consciência do neurocientista em face de sua morte. Ele viveu de maneira intensa e lúcida seus últimos instantes de vida, com vigoroso otimismo.

Nascido em Londres, em 1933, formado em medicina no Queen’s College, Sacks emigrou para os Estados Unidos, em 1960. Prosseguiu com os estudos médicos e foi professor de neurologia clínica na Universidade Columbia. Sua carreira de escritor inicia-se com a publicação de *Enxaqueca*, em 1970. Seu livro *Tempo de despertar* foi adaptado para o cinema, com a participação de Robert De Niro e Robin Williams. Todos os seus livros foram editados no Brasil pela Companhia das Letras. *Gratidão*, lançado nos Estados Unidos, em 2015, chegou no mesmo ano para os leitores brasileiros.

Algumas fotografias de Sacks, feitas por seu companheiro Bill Hayes, fazem parte da configuração estética do livro. As imagens contribuem para o tom intimista da narrativa, ao mesmo tempo sóbria e bem-humorada. Na primeira foto, vemos Sacks sorridente, sentado em um jardim, portando uma lupa em uma das mãos. Um objeto intimamente ligado à personalidade curiosa do autor que, desde criança, como narra em *Tio Tungstênio*, interessava-se pela ciência. A lupa, ferramenta utilizada para ampliação, aparece como uma extensão do corpo de Sacks, e pode ser compreendida como uma metáfora de seu trabalho científico e literário, sempre voltado para a observação dos detalhes, marcado pelo impulso por descobrir e desvendar a multiplicidade circundante. Dotadas de

---

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



potencialidades significativas, as fotografias, em *Gratidão*, aparecem sem qualquer legenda ou descrição, convidando o leitor a um percurso pessoal de interpretações.

No primeiro ensaio do livro, intitulado “Mercúrio”, Sacks narra sua maneira emblemática de relacionar os números dos elementos químicos da tabela periódica com a sua idade. Ele começou essas associações aos 11 anos, quando conheceu a tabela periódica, época em que dizia “sou sódio”. Na semana em que completa 80 anos, ele escreve a partir do mercúrio, elemento de número atômico 80. Sacks ressalta o sentimento de que a vida parece estar apenas começando, embora perceba que está quase no fim. A ânsia por movimento e liberdade parece acompanhar o escritor por toda a vida. Em sua autobiografia *Sempre em movimento*, ele relata sua paixão por motocicletas e pela velocidade, experiência intimamente ligada ao aprisionamento e à impotência que viveu, quando menino, no colégio interno para onde foi mandado durante a Segunda Guerra.

Em “Mercúrio”, Sacks toma emprestado a expressão “um intercurso com o mundo”, do escritor norte-americano Nathaniel Hawthorne, para explorar sua relação com amigos, colegas e leitores, e o forte sentimento de gratidão pelas vivências – ora fascinantes, ora horríveis –, que serviram, ao longo do tempo, como matéria para seu empreendimento literário. Embora não acredite em uma existência após a morte, Sacks almeja uma extensão de sua vida por meio da memória dos que ficam e da sobrevivência de seus livros. Essa esperança, talvez, esteja na essência da questão: “por que se escreve?” Escrevemos porque somos mortais? Podemos pensar a escrita à luz das palavras de Jeane-Marie Gagnebin, em *Limiar, aura e rememoração*, “escrevemos para sobreviver, para não morrer por inteiro, ou para deixar algo durável [...] para deixar um rastro ou uma marca da nossa passagem”.<sup>1</sup>

Ao ponderar sobre seu aniversário de 80 anos, sem deixar de reconhecer certas limitações do corpo, Sacks não pensa na velhice como uma fase cada vez mais difícil, mas “um período de liberdade e tempo descomprometido, sem as infundadas urgências de outrora, livre para explorar [...]” (p. 21). A narrativa destaca-se como potência de criação na medida em que o narrador pretende amarrar, com fluidez e autonomia, os pensamentos e sentimentos de uma vida.

“My own life”, segundo ensaio de *Gratidão*, é inspirado no título homônimo da breve autobiografia de David Hume, quando descobre ser portador de uma doença mortal aos 65 anos. Sacks, após receber o prognóstico médico, de que ele teria, talvez, em torno de seis meses de vida, concluiu em poucos dias o texto no qual expressa um profundo sentimento de gratidão. Ele escreve: “Não consigo

---

<sup>1</sup> GAGNEBIN, Jeane-Marie. *Limiar, aura e rememoração*: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2016.



fingir que não estou com medo. Mas meu sentimento predominante é a gratidão. Amei e fui amado, recebi muito e dei algo em troca, li, viajei, pensei, escrevi. Tive meu intercuro com o mundo, o intercuro especial dos escritores e leitores” (p. 30).

O terceiro ensaio, intitulado “Minha tabela periódica”, inicia-se com a fotografia de uma mesa redonda contendo uma coleção de elementos químicos. Sacks narra sua paixão pela ciência desde a juventude e se refere aos metais e minerais de sua coleção como “emblemas da eternidade”. Ele estabelece uma relação dos elementos da tabela periódica com a própria vida, e também com a morte. O acervo particular de minerais e metais se transformam em itens simbólicos da existência. O escritor revela seu empenho em elaborar para si uma tabela pessoal, de propriedades singulares, ligadas ao tempo, às suas memórias.

Em “Shabat”, quarto ensaio de *Gratidão*, Sacks dedica-se às digressões a respeito do dia consagrado ao descanso no judaísmo, com base no Quarto Mandamento – “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo” (p. 45). O narrador recorda os dias de infância, das tradições familiares, de um lar marcado pelo rigor das observâncias religiosas. Contudo, após o *bar mitsvá*, em 1946, foi se tornando gradualmente alheio às crenças e hábitos dos pais. Sacks, aos 18 anos, foi pressionado a assumir que gostava de rapazes, pelo pai, que, mesmo sem o consentimento do filho conta para a mãe. Na manhã seguinte, ouve as duras palavras maternas: “Você é uma abominação. Quisera que você nunca tivesse nascido” (p. 50).

Sacks rompe com a religião e, em 1960, afasta-se de forma abrupta da Inglaterra, mudando-se para os Estados Unidos. “Shabat” é uma espécie de síntese da história do autor, em que revisita momentos cruciais de sua trajetória até a reaproximação de familiares, a escrita de sua autobiografia, a afirmação de sua homossexualidade e a aceitação de sua condição terminal, a partir do diagnóstico do câncer em estágio avançado.

O sétimo dia é retomado, por Sacks, em seu sentido mais subjetivo, que ele define como “alcançar a sensação de paz dentro de si” (p. 58). Na fotografia que encerra o livro, Sacks não aparece. Sobre a mesa do escritor encontram-se objetos pessoais: óculos, lupa, bloco de notas, canetas e papéis. O último ensaio de *Gratidão* foi escrito duas semanas antes da morte de Oliver Sacks. Podemos encontrar os ecos de uma ‘consciência em paz’ por meio dessa leitura, em que o nível de destilação literária eleva o texto à sua qualidade mais essencial, configurando-se como um testamento íntimo do intercuro de Sacks com seus leitores.

-----



# *Arquivo Maaravi*

*Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*  
ISSN: 1982-3053

Recebido em: 27/04/2019.

Aprovado em: 02/05/2019.